

MUSEALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO - DISTANCIAMENTOS E APROXIMAÇÕES ENTRE MUSEU E ESCOLA
MUSEALISATION OF EDUCATION - DISTANCES AND SIMILARITIES BETWEEN MUSEUMS AND SCHOOLS

Julia Rocha Pinto

Resumo

O presente artigo é parte da tese que está em desenvolvimento na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto e que reflete sobre as práticas avaliativas que os setores educativos dos museus realizam na sua atuação juntos aos públicos. Este recorte do texto pretende refletir sobre a interface entre museu e escola no trabalho de recepção e formação destes públicos.

Inicialmente pensando a educação como um patrimônio musealizado, visualizando-a isolada do seu contexto e catalogada a partir de padrões determinados, pretende-se refletir sobre como a relação com os públicos por vezes responde a preceitos estagnados da museologia, encarando os projetos destinados aos visitantes como uma reprodução de modelos museais. Na sequência se buscará o conceito de museu como um espaço de comunicação e de educação, apresentando possibilidades de atuação na relação destes com os visitantes de maneira crítica e dialógica.

A apresentação de outros paradigmas para a relação entre museu e escola servirá para apresentar a potencialidade que o diálogo entre as duas instituições pode alcançar. Neste sentido, o texto identifica as distinções na forma de entender a educação nestes dois campos, buscando pontos tangenciais nesta relação. Serão abordados os sujeitos que promovem o diálogo entre as duas instituições, nomeadamente os educadores de museus na sua atuação nos serviços educativos e os professores das escolas, que buscam o museu como um recurso e um desdobramento para as suas atividades. A ideia de musealizar a educação que parte no texto como algo negativo é reconstruída como um trabalho crítico de formação dos professores, dos alunos e dos visitantes de maneira geral.

Palavras-chave: Museu, Educação, Escola, Públicos

Abstract

This article is part of the thesis which is under development at the Faculty of Fine Arts, University of Porto and reflects on assessment practices that educational sectors of museums carry out in their performance with the public. The text is intended to discuss the interface between museums and schools in terms of reception and audience sustainability.

Initially - while thinking about education as a musealized heritage, viewing it isolated from its context and cataloged within certain standards -, the text will reflect on how the relationship with the audience sometimes responds to stagnated precepts of museology, and how these projects tend to be a reproduction of museological models. It then explores the concept of the museum as a space for communication and education, with possibilities of action in their relationship with visitors in a critical and dialogical way.

The presentation of other paradigms suited to the study of the relationship between museum and school will serve to show the potential that the dialogue between the two institutions can achieve. In this sense, the text identifies the distinctions in the way of understanding education in these two fields, seeking tangential points in this relationship. The subjects that promote dialogue between the two institutions, including museums educators and teachers of schools seeking the museum as a resource and development for its activities, will be addressed. The idea of the musealization of education, which appears in the text as something negative, is, in general, reconstructed as a critical work training of teachers, students and visitors.

Keywords: Museum, Education, School, Public

Espaços de preservação do patrimônio, espaços de comunicação, espaços de exposição, espaços de salvaguarda, espaços de pesquisa, espaços de educação. Os museus são, em sua base, instituições educativas. Ainda que se lhes reservem também outros papéis, a função educativa dos museus está presente na sua genealogia: nas atividades de recepção aos públicos, na articulação de propostas de mediação cultural e na programação de atividades que desdobrem a coleção em outras linguagens.

Parte desta função é cumprida no relacionamento criado entre os serviços educativos dos museus com as escolas. A elaboração de visitas dos estudantes com educadores, a organização de seminários e formações, projetos de contação de história e encenações, oficinas e *workshops* realizados dentro do espaço expositivo e a construção de jogos lúdicos e reflexivos são algumas das possibilidades de intersecção do trabalho que os serviços educativos ambicionam desenvolver com as instituições escolares.

Este artigo pretende discorrer a respeito da relação que se desenvolve entre os museus e as escolas e sobre que papéis cabem a cada instituição na criação de atividades para os públicos com que trabalham. As tensões e aproximações serão apresentadas buscando compreender as potencialidades que esta relação profícua pode desencadear na criação de projetos para recepção dos visitantes. As fragilidades e dificuldades da articulação serão também ponto de análise, pensando nas tentativas de resistir a uma escolarização do museu e ao possível processo de musealização das escolas.

Ainda que a importância desta relação entre museus e escolas seja um pressuposto, muito do que tem sido construído ainda está no campo experimental e parte do diálogo entre as instituições encontra-se na tensão entre que papéis cabem a que sujeitos. A extensão ou a ruptura dos limites que separam estes dois campos é mencionada por Margarida Lima de Faria (2003, 32): “A construção de formas de cooperação entre a escola e o museu, ajudando cada uma das instituições a sair do seu próprio isolamento em relação ao mundo que lhes é exterior, abalando-se mutuamente nas suas resistências mais tradicionais, é com certeza um profícuo caminho para uma melhor definição e uma mais eficaz concretização da função social do museu. Esse tipo de colaboração contribuirá, igualmente, para o reforço de um sentido comum que lhes permita enfrentar, adaptar e desafiar, sugerindo novas configurações, os novos fenômenos sociais e culturais ligados à produção e consumo de formas complementares de conhecimento”.

Esta função social dos museus é muitas vezes apresentada como um dos papéis da instituição, mas será preciso cautela para não atribuir somente aos museus a responsabilidade de articulação com outros espaços de educação, pendendo a relevância da articulação para um dos extremos. A ruptura das resistências são profícuas nos dois campos, e por isso a relação entre museu-escola é produtiva.

Augusto Santos Silva, então Ministro da Cultura de Portugal, apresentou em 2002 o evento *Museus e Educação*, organizado pelo Instituto Português de Museus, em Lisboa, com o intuito de discutir o papel de formação das instituições culturais. Em sua apresentação, Santos Silva valorizou a articulação entre museus e escolas no campo da formação dos públicos, listando fatores que justificam a relação com as escolas na perspectiva dos museus, tais como, os estudos que associam a qualificação acadêmica ao consumo cultural regular, indicando um aumento no número de visitantes quando há valorização da formação. Parte deste interesse na articulação com as escolas surge, portanto, do grande número de visitantes que esta faixa de público representa; justificando, assim, financiamentos econômicos realizados no serviços educativos dos museus.

Em uma visão mais otimista, Martha Marandino (2014, 97) coloca que por parte dos museus há uma expectativa de que a escola o utilize de maneira dinâmica, diferenciado da forma como se trabalha no seu âmbito de origem.

Já a procura das escolas pelos museus se baseia no benefício da saída do espaço escolar, encontrando na prática, por vezes, objetos patrimoniais dos quais se falam em sala de aula, tratados de maneira diferenciada do contexto das salas de aula.

O entendimento de que o museu é também um espaço educativo permite à escola pensá-lo como parceiro na criação de propostas para desdobrar ações. A saída do contexto escolar, onde existem ideias previamente concebidas sobre o comportamento a ser adotado e aos procedimentos de ensino e aprendizagem, oferece possibilidades de pensar diferente, fora da caixa, articulando novas atitudes tanto para os museus, quanto para as escolas.

Ainda que a relação seja estabelecida no campo das instituições, os sujeitos são importantes na efetivação das parcerias, visto que provém destes a procura pelo estabelecimento de um trabalho conjunto. Neste sentido, Santos Silva (2002, 10) valoriza a figura do professor que atua como um “multiplicador dos efeitos de

cultivação da fruição estética” e que o trabalho em parceria com estes educadores amplia o alcance de resultados maiores.

Na articulação entre estas duas instituições, o sistema escolar e a rede de museus, perpassam alguns preconceitos que travam o estabelecimento de um trabalho conjunto. O primeiro deles é referente ao caráter de subserviência que os museus têm para com as escolas. O entendimento de que a escola está a serviço do trabalho realizado no museus desfaz a relação de igualdade que é necessária para a efetivação desta parceria.

Santos Silva (2002, 10) coloca também um outro preconceito que “confunde a ação educativa com o ensino, ou educação escolar, o que tem por consequência ser-se incapaz de pensar aquela ação sob qualquer outra forma que não o trabalho escolar e, logo, de propor uma contribuição própria e específica dos museus como contextos e instrumentos de formação contínua”.

Também sobre esta questão, Adriana Mortara (2014, 51) defende que o museu precisa ultrapassar a complementaridade da escola, compreendendo que tem especificidades próprias e que possibilita um processo educativo que acompanha essa individualidade enquanto espaço. A autora salienta ainda a relação com o objeto e que este pode ser meio de motivação, curiosidade e questionamento por parte do visitante.

Esta questão abre para um espaço de negação que é referido por diversos autores: a necessidade de evitar a escolarização do museu. É preciso compreender que os processos educativos realizados no museu e entre mediador cultural e visitantes são diversos daqueles que se passam na escola entre professores e estudantes. Ainda que os sujeitos que atuem nestes dois campos sejam por vezes coincidentes, como no caso das visitas a museus realizadas pelas escolas, é necessário compreender as especificidades e os meandros que atravessam os espaços educativos.

O modo de trabalho e os objetivos das instituições demarcam as distinções entre elas, tal qual assinala Marandino (2014, 87). Enquanto que o objetivo primordial das escolas é educar e instruir, os museus estão focados em recolher, conservar, estudar e expor. No campo do foco de estudo, a atividade escolar é centrada no livro e na palavra, já no museu, o foco é no objeto. O público que consome as atividades escolares é cativo e permanece na escola por longos períodos, enquanto que no museu é geralmente sazonal e muito passageiro.

A programação de atividades dentro da escola é feita para as turmas, um grupo previamente definido e, por vezes, com uma estrutura muito grande em questão de números. Por sua vez, o serviço educativo dos museus programa suas ações para grupos pequenos ou atividades individuais. E, talvez a maior diferença entre estes dois campos, seja que a escola possui um programa que lhe é imposto, que apesar de passível de mudanças, delinea as atitudes adotadas pelos sujeitos; enquanto que os museus possuem políticas próprias e desenvolvem atividades pedagógicas de acordo com a exposição de sua coleção.

Muito se fala sobre a resistência que os espaços museológicos precisam ter para não incorporar modelos enraizados das escolas, reproduzindo em práticas educativas realizadas nas exposições apenas estratégias que respondam a um sistema escolar vinculado ao cumprimento de atividades curriculares.

A tentativa de não escolarizar os museus é mencionada como uma forma de compreender que as obrigações burocráticas a que o sistema escolar está preso não precisam ser copiadas nos serviços educativos. Marandino (2014, 85) informa que muitos professores tentam reproduzir nos museus os modelos de práticas e as relações que acontecem nos espaços escolares e que na escola há uma tendência em se pensar os museus como espaços reprodutores do saber escolarizado. Marta Ornelas (2013, 182) também informa que os professores procuram os museus como apoio aos parâmetros impostos nos currículos escolares.

Outra grande distinção presente no trabalho realizado pelas escolas daquele que se desenvolve nos museus diz respeito aos métodos avaliativos que são impostos ao sistema escolar, ainda muito preso a um sistema classificatório e de processos imperativos para obtenção de notas.

Enquanto nos museus há uma abertura grande para o desenvolvimento de atividades reflexivas e que sejam transformadoras do processo de maneira coletiva e multidirecional, nas escolas ainda é difícil pensar em desvios, em outras formas de a fazer. Faria (2003, 30) fala sobre este aspecto: “Ao contrário da instituição escolar, os museus não têm que lidar com processos de avaliação e com imperativos de transmissão de conhecimentos. Podem fazê-lo, e provavelmente devê-lo-ão fazer, mas, não são, como a escola, alvo de uma vigilância pública e crítica das suas ações. Os museus não têm (ou ainda não têm) as repercussões políticas e sociais que envolvem o sistema de ensino, e por isso não constituem a matéria de discussão coletiva e socialmente transversal”.

A elaboração de estratégias de mensuração e reconstrução dos processos desenvolvidos com o público é problemática pertinente nos museus. Porém esta obrigatoriedade de subidas de níveis e classificação não existe neste contexto.

A abertura que os mediadores culturais e os serviços educativos têm na elaboração das estratégias de avaliação é resultado de uma liberdade que existe também na geração de projetos. Estes projetos, aliás, que podem ser construídos individualmente, em uma parceria direta com uma determinada instituição. Neste sentido, tanto o museu pode procurar a escola para criar um projeto próprio - tal qual recorrentemente ocorre com instituições de vizinhança e próximas - como também o professor pode apresentar para o museu uma proposta de diálogo e criação de parceria.

Sobre esta procura por parte dos educadores escolares, Marandino (2014, 89) informa que a busca dos professores pelo museu se dá, primeiramente, como alternativa à prática pedagógica, visto que compreendem os museus como espaços alternativos de aprendizagem. A autora aponta também como objetivos dos professores ao procurar as visitas aos museus o aspecto interdisciplinar e a relação com o cotidiano que os estudantes possam estabelecer a partir das coleções dos museus, encarando o saber aprendido na escola como algo mais próximo e familiar e que poucos são os professores que se preocupam com a ampliação da cultura como fator de interesse nas visitas aos museus.

Neste texto se inscreve, todavia, um novo paradigma a ser tratado, o de pensar que não só é necessário evitar uma escolarização do museu, como também se verifica por vezes uma musealização da escola. Por musealização, neste sentido, compreende-se a ideia tão recorrente na prática do colecionismo e da exposição de objetos e bens patrimoniais de criar uma aura de valioso nos objetos quando tirados fora dos seus contextos. Transpondo este conceito de musealizar, tornar museográfico, para o campo da educação, poderia pensar-se em como os processos educativos realizados podem reproduzir modelos taxativos e catalogadores utilizados nos demais setores destas instituições. Tirar a educação do seu contexto central, pensando-a como algo de fora, pode não oferecer aos sujeitos a possibilidade de participação que tanto se busca na prática da mediação cultural.

Diante da abertura que os museus aparentemente têm na criação de suas propostas, a educação reprodutora de procedimentos, já prevendo comportamentos e resultados, que Paulo Freire (2011) chama de “educação

bancária”, pode ser subvertida em ações mais coletivas e criadas durante processos através da discussão e do diálogo.

O próprio espaço do museu, através da sua expografia, dos objetos expostos, das salas diferentes da estrutura escolar pode ser o agente provocador da mudança de postura adquirida durante os processos educativos. Neste sentido, a figura do educador de museus não centraliza mais o processo mediador e os próprios sujeitos participantes sentem-se instigados a se relacionar de maneira diferente neste espaço. Marandino (2014, 94) relata uma experiência de pesquisa com observação de visitas, onde diz que foi possível perceber uma mudança neste sentido. A autora relata que registrou ações diferentes quando notou que “os alunos, ao manipularem os modelos em pequenos grupos, trocam experiências, fazem tentativas e comentários sobre o ocorrido, confrontam informações, discordam ou se questionam, provocam uns aos outros, tendo como mediador dessas relações os objetos e modelos das exposições”.

No exemplo citado não existe a figura do educador de museus e nem do professor da escola como centralizadores do processo de descoberta e de criações de sentidos que os estudantes fazem diante do objeto museológico. Eilean Hooper-Greenhill (2009, 21) fala sobre a ligação que os museus têm com os objetos, dizendo que estes podem ser o estímulo para o processo de aprendizagem, agindo no enraizamento de experiências abstratas, pode permitir como uma chamada ao conhecimento e despertar da curiosidade. A mediação acontece na prática, enquanto o diálogo e as trocas entre os próprios alunos propiciam uma educação mais autônoma.

A respeito desta mudança de postura por parte dos estudantes dentro do espaço do museu, Carmén Lidón Beltran Mir (2009, 99) defende que isso se deve: “à atitude do estudante, mais aberta porque não recebe qualificações e a visita ao centro de arte está dentro da esfera que ele considera lúdico; à aprendizagem costuma ser experimental, através de práticas que favorecem a interpretação e a criação pessoal; ao conhecimento é interdisciplinar, o que resulta mais próximo à vida real; aos temas são atuais, as mesmas imagens ou semelhantes podem ser vistas na rua e nos meios de propaganda; e ao serem oferecidas motivações por meio de estratégias de curiosidade, jogo etc.”.

As diferentes estratégias incorporadas na mediação com os objetos artísticos, utilizando do lúdico e da construção de jogos são apontadas como um convite à participação, à emancipação e ao engajamento dos estudantes.

Para que esta autonomia por parte dos estudantes relatada na experiência de Marandino (2014) ocorresse, o processo educativo foi iniciado ainda em sala de aula, quando houve uma preparação por parte da professora para que os alunos buscassem uma postura de pesquisadores dentro do espaço museológico, no intento de responder à questões que previamente foram discutidas em sala de aula.

Este início da mediação cultural demarcada nos professores foi inscrita em Pinto (2009) e é reiterada por Marandino (2014, 97) ao dizer que “é fundamental o papel do professor como organizador e orientador da visita. Esse trabalho deve ser iniciado ainda na preparação da atividade junto aos estudantes e deve ter continuidade no sentido de acompanhamento do processo”.

O entendimento de que a visita é apenas esta pequena parte de todo um processo que pode ser articulado, evidencia a necessidade de criação de novas modalidades de atuação que os museus podem desenvolver. Sobre esta abertura, do ponto de vista das mudanças ocorridas nos museus, Mir (2009, 98-9) diz que: “o museu assumiu os desafios da educação, interpretando seus objetivos e os aplicando em seu meio; o museu está interessado pelas recentes pesquisas educativas que lhe proporciona novas metodologias de trabalho; o museu incorporou novas tecnologia como suporte para se apresentar e para se “comunicar” com seu público, na mesma “linguagem” deste; e o museu ampliou e diversificou sua oferta cultural, a qual inclui shows, cinema, dança, teatro etc.”.

Também pensando a respeito dos desdobramentos de ações que se pode buscar na relação entre museu e escola, Santos Silva (2002, 12) propõe uma série de possibilidades de projetos e ações que podem ser desenvolvidas entre escolas e museus, pensando para além das visitas educativas e de projetos estritamente ligados às exposições: “Podemos concentrar-nos nas modalidades de ligação entre museus e estabelecimentos escolares da sua área territorial, de que resultam benefícios para ambas as partes. Exemplos: a oferta de módulos de formação em educação museológica aos professores dos quadros dessas escolas, desde logo àqueles cujos grupos disciplinares estejam mais próximos das artes e humanidades; a colaboração com escolas superiores ou secundárias que formam nestas áreas, acarinhando, até, nesse quadro, programas de estágio para os seus alunos nos serviços educativos dos museus; a concepção de iniciativas conjuntas entre os amigos dos museus, associações de pais ou estudantes, outras associações locais e autarquias, em torno da animação dos museus, a troca de serviços entre as instituições, porque, por hipótese, tal museu se dispõe

a assegurar apoio à realização de certos projetos de tal escola e esta corresponde com a disponibilização de tempos horários de docentes afetados a esses mesmos projetos. O que importa é que o princípio genérico da colaboração entre museus e escolas se concretize caso a caso, sempre na base da reciprocidade na contribuição e no benefício”.

O alargamento das possibilidades de intersecção entre museu e escola é importante na medida em que as visitas pelas exposições são somente uma pequena parte do trabalho que os serviços educativos desenvolvem. A ligação com outros setores do museu e a valorização da participação dos sujeitos atuantes no contexto escolar podem ser uma entrada para outras ações que, tal como afirma Santos Silva, encontrem base na reciprocidade.

O que se evidencia na realidade, ainda que existam estas diversas possibilidades de atuação e de engendrar ações de ligação, é que os museus e as escolas continuam desenvolvendo ações em paralelo sem deixar que a relação efetivamente ocorra. Marandino (2014, 89) diz que “Percebe-se assim, em linhas gerais, que a relação entre o museu e a escola não é de continuidade, mas implica num confronto de expectativas dos sujeitos em jogo neste processo”.

Ornelas (2013, 186) aponta que para que houvesse efetivamente uma parceria entre os museus e as escolas seria preciso que as aproximações fossem mais igualitárias.

Que desejável seria assistir à descida do museu do seu pedestal para encarar a escola como um lugar de aprendizagem tão válido como aquele. Partindo de uma posição igualitária, poderíamos passar a um trabalho conjunto para desmontar a relação de poder que existe, tanto num como no outro contexto, entre os que ensinam e os que aprendem, criando espaço para que todas/os possam ter uma voz ativa de forma democrática, aceitando a subjetividade de todas/os os intervenientes, que passam a ser visíveis.

Além deste olhar de horizontalidade e cooperação entre as instituições, Ornelas defende o posicionamento crítico das mesmas como um possível modelo para a ruptura desta visão que sobrepuja o museu em relação aos professores.

Esta continuidade apontada como uma possível realização efetiva da parceria entre museu e escola é aspirada por meio dos projetos desenvolvidos para que o diálogo aconteça em muitas ações dos museus, nomeadamente nos Projetos com

escolas. Serviços educativos que propõe um programa de ações contínuas com as escolas, pensando nos desdobramentos que as visitas às exposições podem possibilitar, atuam mais nesta tentativa de engendrar políticas de troca e parceria com as escolas.

Os pressupostos econômicos de atingir um grande número de participantes continuam ocorrendo, contudo uma tentativa de que não só as escolas venham aos museus, como também acontece que os museus saiam de suas instituições para efetivamente conversar com as escolas e compreender o que esta comunidade educativa oferece como contributo para a prática educativa dentro do espaço museológico.

O trabalho por projetos propõe a construção de ações que vislumbrem muito mais uma valorização do processo do que uma obtenção de um produto, pensamento que abre brechas tanto para que os museus desenvolvam atividades voltadas para este público escolar, quanto que as escolas aproveitem a formação que podem obter a partir do museu.

BIBLIOGRAFIA

- Faria, Margarida Lima de. 2013. "A função social dos museus". In Domingues, Álvaro; Silva, Isabel; Lopes, João Teixeira; Semedo, Alice (orgs.). *A cultura em ação: Impactos sociais e territórios*. Porto: Edições Afrontamento.
- Freire, Paulo. 2011. *Educação e mudança*. São Paulo: Paz e Terra.
- Hooper-Greenhill, Eilean. 2009. *The educational role of the museums*. Leicester: Routledge.
- Leite, Elvira; Victorino, Sofia. 2006. "Arte e paisagem". In *Colecção Cadernos de Arte Contemporânea #1*. Porto: Fundação de Serralves.
- Marandino, Martha. 2014. *Interfaces na relação museu-escola*. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/fisica/article/download/6692/6159>.
- Mir, Carmen Lidón Beltrán. 2009. "Educação como mediação em centros de arte contemporânea". In Barbosa, Ana Mae; Coutinho, Rejane Galvão. *Arte/educação como mediação cultural e social*. São Paulo: Editora UNESP
- Mortara, Adriana. 2014. *Desafios da relação museu-escola*. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/viewFile/36322/39042>.

Ornelas, Marta. 2013. “Da sala de aula para o museu: desigualdade e desencontro nas visitas escolares a museus de arte contemporânea”. In *Revista Matéria-Prima*, n.º 2.

Pinto, Julia Rocha. 2009. *A temporalidade da mediação - Reflexões acerca das ações educativas*, 2009. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Educação Artística: Habilitação Artes Plásticas) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis.

Santos Silva, Augusto. 2002. “Museus e educação: Uma questão de responsabilidades e vantagens recíprocas”. In Instituto Português de Museus (org.). *Encontro Museus e educação - Actas*. Lisboa, Instituto Português de Museus.